

**MULHER, MÃE DO REICH E A PROPAGANDA
NAZISTA NAS PÁGINAS DA NS-FRAUENWARTE**
WOMAN, MOTHER OF THE REICH AND NAZI
PROPAGANDA ON THE PAGES OF NS-
FRAUENWARTE

YASMIN TRINDADE MACHADO*

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar o papel da mulher alemã na ideologia nazista, a partir das páginas da revista nazista *NS-FrauenWarte*, ressaltando a centralidade da questão da maternidade para a perspectiva nazista de feminilidade. Para tanto, este artigo terá como foco a natureza da posição da mulher idealizada pelos nazistas em sua sociedade, através da observação e análise de sua representação nas páginas da revista nazista e explorando também a forma como esta idealização é manipulada e alterada conforme as necessidades do *Reich*, utilizando-se de uma certa flexibilidade do discurso oficial nazista para expandir a definição do lugar da mãe conforme as necessidades do Terceiro Reich mudavam, sem que esta fosse desconectada do conceito de maternidade. Para tal, este artigo se ancorará teoricamente na definição de Antoine Prost de uma história preocupada com as interseções entre a história social e cultural, lidando com as representações da mulher na propaganda nazista e o papel social destas.

Palavras chave: Mulheres, nazismo, propaganda.

Abstract: This article intends to analyze the role of the German woman within nazi ideology, through the pages of the nazi magazine *NS-FrauenWarte*, highlighting the centrality of the question of motherhood in nazism's perspective of womanhood. To that goal, this article will focus on the nature of the position of the woman idealized by nazis in their society, through the observation and analysis of its representation on the pages of the women's magazine and also exploring the way in which said idealization is manipulated and altered to fit the needs of the *Reich*, making use of a certain flexibility in nazism's official discourse as the needs of the Third Reich changed, without ever disconnecting it from the concept of maternity. To that end, this article will anchor itself theoretically on Antoine Prost's definition of a history concerned with the intersections between social and cultural history, dealing with the representations of women in nazi propaganda and their social role.

Keywords: Women, Nazism, propaganda.

* Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense. (Email: yasmintrindade@id.uff.br).

INTRODUÇÃO

Criada nos anos 1930, a revista *NS-FrauenWarte* foi parte do grande esforço de propaganda nazista, sendo a única revista feminina do partido nazista, o NSDAP. Esta foi também uma das mais populares publicações femininas da Alemanha no período². A revista tinha, em seus anos iniciais, conteúdos ligados ao que os nazistas chamaram a “esfera feminina”, ou seja, o lar, a família e o trato dos filhos. Enquanto são assuntos comuns às revistas femininas da época, estes conteúdos faziam também parte da propagação da ideia nazista quanto ao papel da mulher no *Volksgemeinschaft*³.

A revista é publicada em Munique, custando de 20 a 30 Pfennig durante seu período de publicação; um preço baixo e que ajudava a popularizar a revista. Enquanto no início a revista contava com tiragem de 630.000 exemplares, este número cresce para 1,5 milhão já no final de 1939⁴. Um número alto, quando consideramos que era a mesma tiragem do popular *Berliner Illustrierte Zeitung*, o periódico de variedades mais popular do Reich no momento e que conta com quase 1 milhão de exemplares a mais que a mais vendida publicação feminina alemã no mesmo ano, a *Das Blatt der Hausfrau* [O folhetim da dona de casa], que contava com pouco mais de 600 mil exemplares em 1939⁵. Ainda que seja necessário levar em consideração que a *NS-FrauenWarte*, como revista ligada diretamente ao partido nazista, recebia subsídio e publicação assegurada independente do interesse do público, estes números nos ajudam a entender o alcance possível desta publicação. Ou seja, deve-se considerar, em uma análise de um periódico como fonte, “as condições de sua produção, de sua negociação, de seu mecenato propiciador, das revoluções técnicas a que se assistia e, em especial, da natureza dos capitais nele envolvidos”⁶, sendo necessário então contextualizar a publicação da *NS-FrauenWarte*, seu público, as necessidades a que supria e suas particularidades não só como periódico, mas como material propagandístico do Terceiro Reich, não sendo desta

² FÜHRER, Karl Christian. *Mass media, culture and society in twentieth-century Germany*. Palgrave Macmillan. Estados Unidos, 2006.

³ Comunidade cultural e racial alemã, fundamentada num entendimento nazista da Alemanha como uma comunidade racial ariana. A *Volksgemeinschaft* é chave para os objetivos nazistas, centrando sua ideologia. Através desta, o povo alemão (racialmente definido) se une. Esta não somente delimita pertencimento cultural, mas uma ideia de cultura germânica racializada e que buscava inspirar-se e fazer renascer um passado imaginado e idealizado de uma grande civilização germânica.

⁴ SYRÉ, Christine. *Zeitschrift “NS Frauen Warte”*. LVR-Indusriemuseum. <https://industriemuseum.lvr.de/de/sammlung/sammlung_entdecken/alltagsdinge/frauen_warte/Zeitschrift_NS_Frauen_Warte.html> Acesso em: 27/08/2021.

⁵ FÜHRER, Karl Christian. *Pleasure, Practicality and Propaganda: Popular Magazines in Nazi Germany, 1933–1939*. In: *Pleasure and Power in Nazi Germany*. Palgrave Macmillan, London, p. 132-153, 2011.

⁶ MARTINS, Ana Luiza. Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras. In: *História. São Paulo*, v. 22, p. 59-79, 2003.

forma submetida necessariamente à mesma lógica mercadológica de outros periódicos, mas também não sendo livre da necessidade de apelo a seu público.

Publicação quinzenal – mas que, nos últimos anos de sua publicação, passa a ser mais e mais esporádica – a *NS-FrauenWarte* conta não somente com artigos e imagens expressamente políticos, mas também a diversos tópicos relacionados ao dia a dia da mulher alemã e seus mais diversos interesses, desde turismo, esportes e bem-estar, moda, celebrações culturais, receitas, músicas até contos, resenhas literárias, músicas e colunas de conselhos às mães.

Como seu público-alvo, a *NS-FrauenWarte*

...dirigia-se às mulheres nacional-socialistas de todas as classes ou àquelas que ainda poderiam se tornar mulheres nazistas. Seu objetivo era familiarizar as mulheres com as ideias nacional-socialistas e a política feminina do NSDAP - sem polimento, mas com muito entusiasmo e pressão moral. Não havia nenhuma obrigatoriedade para que as integrantes da NS Frauenschaft assinassem a revista, nem ela era dirigida apenas às mulheres já na organização⁷.

Ou seja, ainda que a revista fosse diretamente ligada ao partido, ela não se dirigia somente às mulheres já organizadas politicamente, mas a todas as mulheres que se encaixavam no desejado padrão da comunidade cultural e racial proposta pelos nazistas, a quem pudessem apelar os valores e a ideologia trazidos pela máquina de propaganda do Terceiro Reich. Para esta análise, utiliza-se a definição de propaganda como “uma forma de comunicação que busca obter uma resposta que avança o objetivo desejado pelo propagandista”⁸, podendo esta afetar opinião pública e modificar comportamentos. Desta forma, entende-se propaganda como uma forma de comunicação que busca obter resultados específicos, influenciando seu público da forma desejada pelo propagandista. Os autores ressaltam a presença, desde o *Mein Kampf*, de planos concretos sobre as formas e objetivos tomados pela propaganda nazista, como a crítica constante aos inimigos do Estado, o apelo às emoções e a repetição constante de um número reduzido de ideias, usando frases estereotipadas e evitando a objetividade. Desde o início, afirmam Jowett e O'Donnell, Hitler se utiliza da propaganda para apelar para o público alemão então desmoralizado pela Primeira Guerra Mundial e o Tratado de Versalhes, prometendo a volta a um grande e glorioso passado mítico⁹.

⁷ SYRE, *Op. cit.*

⁸ Do original: “*Propaganda is a form of communication that attempts to achieve a response that furthers the desired intent of the propagandist*”, em JOWETT, Garth S.; O'DONNELL, Victoria. **Propaganda & persuasion**. Sage publications, 2018, p. 1.

⁹ *Ibidem*, p. 261.

Este artigo pretende, ao se debruçar sobre o lugar social das mulheres nazistas e sua expressão por meio da propaganda veiculada na *NS-FrauenWarte*, situar-se entre os campos da história social e cultural, alimentando-se, em certa medida, de ambas as tradições e utilizando-se das contribuições da história econômico-social para aprofundar questões da história cultural. Para tal, o artigo buscará contextualizar as ideias e valores analisados, de forma a não desligá-los “das circunstâncias que os suscitaram, dos homens que os formularam e de toda a espessura do seu enraizamento social e humano, sem considerar os públicos concretos a que se dirigiam”¹⁰, ou seja, analisá-los de forma crítica, não deixando com que os discursos sejam tomados como verdades apesar de seus contextos e interesses que os informam. A análise da representação do papel destas mulheres através do periódico *NS-FrauenWarte* requer, afinal, que se considerem as motivações por trás das escolhas da revista enquanto publicação, que suas mudanças sejam entendidas em um contexto maior que engloba seus usos, funções, seu público e seus autores, considerando-se,

...a importância de se identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos programáticos, que dão conta de intenções e expectativas, além de fornecer pistas a respeito da leitura de passado e de futuro compartilhada por seus propugnadores¹¹.

No que diz respeito ao conteúdo do presente artigo, é preciso considerar não só as representações feitas das mulheres nazistas pelo Terceiro Reich e suas organizações, mas também que papel estas tinham na formação e consolidação do Estado nazista, e até que ponto representavam um reflexo das mulheres alemãs reais, entendendo representações como um dos “mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio”¹², através da apresentação de um ideal, relacionado a interesses de um certo grupo e dependente da realidade como a veem ou como acreditam que deveria ser.

Assim, o artigo pretende encaixar-se no que Antoine Prost define como história cultural com pretensões mais globais, aproximando-se do que chama de “história social das representações ou uma história das representações coletivas”¹³, por via da análise dos discursos de um grupo -- no caso, dos discursos constituintes da representação nazista do feminino -- enquanto produções simbólicas que produzem efeitos e sentidos expressos

¹⁰ PROST, Antoine. Social e cultural indissociavelmente. In: **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, p. 123-137, 1998.

¹¹ DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes históricas**. p. 140.

¹² CHARTIER, Roger, et al. **A história cultural. Entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, v. 1, 1990.

¹³ PROST, *Op.cit.*, p. 125.

socialmente, utilizando aqui também do entendimento de Bourdieu acerca das ideologias como “produto colectivo e colectivamente apropriado, [que] servem interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo”¹⁴ e seu impacto e função performativa dos discursos que a compõem, visto que, para o autor, “dizer, é fazer; dizer o grupo, nomeando-o, é dá-lo como existente na cena social”¹⁵, ou seja, a presença da imagem idealizada da mulher nazista na *NS-FrauenWarte* e na ideologia nazista de forma geral dá a esta um impacto social, independente de sua semelhança à vida das mulheres nazistas reais. Como coloca Prost, “a história das representações remete assim para os conflitos reais de que estas representações são o objeto [...] [e] permite além disso elucidar as bases destes conflitos e os significados que os agentes lhes dão”¹⁶. Busca-se então fazer a história cultural que é também “indissociavelmente social”, sendo ela produto da interseção entre ambas e da análise tanto das semelhanças quanto dos desvios que se tornam em cultura, chegando à base da composição da identidade de um grupo.

Para tanto, a *NS-FrauenWarte* nos servirá como principal fonte, a partir de uma análise geral de seus conteúdos e da busca de observar mudanças e permanências nos temas de suas imagens, editoriais e artigos, contrapondo as edições dos anos 1930 (em especial os bem documentados anos 1935 e 1936) e seu conteúdo durante a guerra.

É importante também ressaltar que, por lidar com as representações e o papel social da mulher nazista, este trabalho também considera a tradição da história das mulheres, em específico no contexto nazista. Como expõe Richard Evans, esta temática ficou muito tempo reduzida à ideia das mulheres nazistas como sendo tão entregues à sua paixão por Hitler a ponto de lutar contra seus próprios direitos¹⁷, uma noção que depende da idealização da Alemanha de Weimar, vendo-a como um paraíso dos direitos femininos, bem como da negação das questões materiais que poderiam levar ao apoio destas mulheres ao nazismo. A evolução da análise deste tema levou ao debate que ficou conhecido como *Historikerinnenstreit* [querela das historiadoras], iniciado pela discordância entre a norte-americana Claudia Koonz e a alemã Gisela Bock, sobre o papel das mulheres alemãs na construção e preservação do Terceiro Reich. Seriam as mulheres nazistas perpetradoras da violência de seu Estado tanto quanto os homens? Ou seriam elas vítimas de uma sociedade altamente hierárquica e com rígidas definições de cada gênero e seu papel?

¹⁴ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Deifel, 1989. p. 10.

¹⁵ PROST, *Op. cit.*, p. 14.

¹⁶ PROST, *Op. cit.*, p. 130.

¹⁷ EVANS, Richard J. German Women and the Triumph of Hitler. In: **The Journal of Modern History**, v. 48, n. S1, p. 123-175, 1976.

Tendo em mente estas questões, este artigo procura entender o papel das mulheres para além da dicotomia entre vítimas e algozes, vendo-as como seres complexos e com conflitos consigo mesmas e com o meio que as cercava, pessoas cujas contradições permitiam ser além de somente perpetradoras ou vítimas, sendo participantes ativas que não deixavam, por isso, de ser impactadas pelas delimitações atribuídas pelo nazismo a seu gênero, e de engajar-se com e apesar das limitações.

I: A NS-FRAUENWARTE CENTRALIDADE DAS “MÃES DO VOLK¹⁸”

A mulher representada na *NS-FrauenWarte* era a idealização da mulher nazista. Era o modelo em que as mulheres “arianas” deveriam se inspirar. Este ideal servia, ou deveria servir, não somente às mulheres nazistas, mas a todas as mulheres “racialmente adequadas”. Isto, pois ela era o reflexo dos desejos nazistas quanto à comunidade racial a que buscavam, o *Volksgemeinschaft*. A base de toda a sociedade nazista seria a superioridade racial ariana, aliada à valorização de uma versão idealizada do passado do povo germânico. Era este a que buscavam resgatar, “limpando” o homem e mulher alemães da degeneração da modernidade¹⁹.

Para os nazistas, esta modernidade podia se ver representada na idealização da “moderna mulher de Weimar”, descrita então em sua época como uma mulher que transgredia os padrões de gênero, que era independente e sexualmente livre²⁰. Esta mulher representava a degeneração dos valores germânicos, e, por isso, era um perigo às ambições nazistas. As “modernas mulheres de Weimar” eram mulheres muito diferentes da ideia nazista de uma mãe de todo o povo, mas eram também diferentes da experiência de muitas das alemãs nos anos de Weimar. Enquanto não completamente infundada, a ideia da República de Weimar como um período de liberdade feminina é simplista e desconsidera, por exemplo, as dificuldades econômicas enfrentadas por muitas das mulheres que, ainda recebendo salários inferiores aos homens, tinham suas jornadas exaustivas tornadas ainda mais difíceis pela expectativa de trabalho doméstico a ser feito quando chegassem em casa. Desta forma, muitas das mulheres alemãs não se viam na celebrada “mulher de Weimar”, e sua insatisfação e sensação de não-

¹⁸ A palavra *Volk* é utilizada ao longo do artigo ao invés de sua tradução (povo) por ter, nos anos nazistas, uma conotação racial implicada em seu uso. O *Volk* de Hitler não era somente a população alemã ou o povo alemão como o entendemos hoje, mas o povo alemão ariano que fazia parte da comunidade racial e cultural promovida pelo nazismo.

¹⁹ KOONZ, Claudia. **The Nazi Conscience**. Cambridge, MA: Belknap Press, 2003.

²⁰ Sobre isso, ver GEARY, Dick. **European Labour Politics from 1900 to the Depression**. Macmillan International Higher Education, 1991; STEPHENSON, Jill. **Women in Nazi society**. Routledge, 2012; WALLE, Marianne. As berlinenses e seus combates. In: RICHARD, Lionel (ed.). **Berlim, 1919-1933: a encarnação extrema da modernidade**. Zahar, 1993.

pertencimento poderiam explicar as razões que puderam fazer com que algumas vissem a promessa nazista de terem que lidar somente com o trabalho doméstico como uma forma de liberdade²¹.

Ainda assim, a existência do exemplo da mulher de Weimar e de sua posição como símbolo da modernidade feminina alemã, era vistos pelos nazistas como ameaça aos valores que buscavam resgatar, e, portanto, uma ameaça a seu próprio povo. Esta mulher significava que as esferas do masculino e do feminino haviam sido comprometidas.

Neste sentido, Gertrud Sholtz-Klink, líder da NS Frauenschaft e editora da *NS-FrauenWarte* durante anos, diz que

*Männer und Frauen dieses volkes stehen zu hunderten und Tausenden draussen in ihren Ortsgruppen und Kreisen und wissen, dass diese Kräfte, die sie alle so bitter nötig brauchen, in ihnen wachsen konnten, weil der Führer an das Gute und Starke in ihnen allen geglaubt hat, darum ist es ja auch unsere, seiner Gefolgsleute grösste Aufgabe, in den uns anvertrauten Menschen diesen Glauben an sich selbst zu wecken, zu stärken und in Taten umzusetzen. Dieser innere Befehl ist für Mann und Frau gleichermätzen verpflichtend, für den werklätigen ebenso wie für den geistig schaffenden Menschen unseres volkes. Die nationalsozialistische Bewegung sieht in Mann und Frau gleichwertige Träger der Zukunft Deutschlands; sie fordert allerdings mehr, als das jemals herausgestellt wurde, dass hier jeder von beiden seine wesensgebundenen Aufgaben zuerst voll und ganz erfüllt. ver Frau werden also ausser der Sorge um eigene Kinder in erster Linie die Dinge zur besonderen Letreuung anheimgestellt werden müssen, die ihrer Sorge als Mütter der Nation bedürfen.*²².

Muito do núcleo do discurso nazista quanto às mulheres se encontra resumido nesta citação. As mulheres e homens vistos, ao menos oficialmente, como iguais em propósito, mas diferentes em função. A função feminina era primordialmente familiar. Este tema aparecia constantemente na propaganda com alvo nas mulheres, e tinha centralidade na *NS-FrauenWarte*, em especial nos anos que precedem a Segunda Guerra. Esta presença demonstra a necessidade, para o partido, em atribuir às mulheres o papel maternal²³. Seria

²¹ WALLE, Marianne. As berlinenses e seus combates. In: RICHARD, Lionel (ed.). **Berlim, 1919-1933: a encarnação extrema da modernidade**. Zahar, 1993.

²² Os homens e as mulheres deste povo, em suas centenas e milhares por aí, em grupos locais e distritos, sabem que as forças de que se precisavam tão desesperadamente puderam crescer neles, pois o *Führer* acreditou na bondade e força dentro deles. Assim como seus seguidores, é nosso maior dever despertar e fortalecer esta fé naqueles por quem somos responsáveis e transformá-la em ação. Este comando é igualmente inescapável para homem e mulher, trabalhador de serviços ou de colarinho branco em nosso povo.

O movimento nacional socialista vê os homens e as mulheres como igualmente responsáveis pelo futuro da Alemanha. Ele pede, porém, mais do que no passado, que cada um primeiro atinja completamente os objetivos próprios a sua própria natureza.

A mulher, além de cuidar de seus próprios filhos, deve primeiro cuidar de todos que precisam de sua ajuda, como mães da nação. **Tradução minha.**

SHOLTZ-KLINK, Gertrud. Deutsch sein — heißt stark sein. Rede der Reichsfrauenführerin Gertrud Scholtz-Klink zum Jahresbeginn. **NS-FrauenWarte**, #4, 1936.

²³ Sobre isso, ver MOCH, Jonathan. **Women in Nazi Propaganda**. Western Oregon University, 2011. Tese de doutorado.; KOONZ, Claudia. **Mothers in the fatherland: Women, the family and Nazi politics**. Routledge,

somente se as mulheres arianas retomassem este entendimento de seu próprio papel que se sustentaria o futuro do Reich, somente assim poderiam também os homens voltar a ter o controle dos papéis políticos e sociais de liderança. No discurso nazista, toda a fábrica social do Reich dependia da disposição das mulheres em abraçar seu propósito maternal.

Apesar da presença consistente desta visão idealizada da mulher ariana, ela não necessariamente representava de fato um consenso mesmo entre as mulheres nazistas, como demonstra a historiadora Claudia Koonz, relatando as campanhas de cartas de certas mulheres nazistas a Hitler, expressando seu descontentamento quanto à exclusão da mulher da “esfera política”, e ressaltando que elas também foram fundamentais para a ascensão do nazismo. Ainda assim, Koonz aponta, estas vozes destoantes não eram maioria, e não representavam um grupo organizado e articulado²⁴. Desta forma, estas discordâncias não fizeram desaparecer as representações da mulher ideal como mãe da nação e do povo. Pelo contrário, em editorial da *NS-FrauenWarte* em edição de 1935, Scholz-Klink define a mulher que pensa politicamente como uma mulher que “se preocupa, apoia, sente e se sacrifica com todo seu povo, como a mais leal companheira de seu marido”, ressaltando que este pensar político feminino é “apenas uma parte de nosso treinamento como mães”²⁵.

Era esta a visão, portanto, que a *NS-FrauenWarte* tinha por função de veículo de propaganda do NSDAP que divulgar e fortalecer. O local da mulher como mães do *Volk*, como a base da propagação da raça ariana, as coloca no centro da ideia de *Volksgemeinschaft*, parte estruturante do regime nazista e de sua sociedade ideal. A comunidade racial germânica era o remédio contra a suposta degeneração da modernidade que ameaçava o modo de vida alemão. A segurança do povo, sua essência, precisava ser preservada a qualquer custo. E como preservar uma comunidade centrada na questão racial sem mães “racialmente adequadas”? A manutenção da *Volksgemeinschaft* dependia, portanto, da participação e do engajamento das mulheres arianas, de sua disposição em serem as mães das quais o *Volk* precisava.

A função da *NS-FrauenWarte* se encontrava, portanto, não só em ressaltar a centralidade da função materna no Reich, mas também em delimitar as formas ideais em que esta função se apresentaria. As mulheres arianas deveriam ser, como afirma Curt Rosten em seu poema *ABC des Nationalsozialismus* (ABC do nazismo), “tried and true/Not as decorated toys”, ser aquela que “Worthy of respect she must always be seen;/Not of strange races the

2013.; RUPP, Leila J. Mother of the "Volk": The Image of Women in Nazi Ideology. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v. 3, n. 2, p. 362-379, 1977.

²⁴ KOONZ, Claudia. **Mothers in the fatherland: Women, the family and Nazi politics**. Routledge, 2013.

²⁵ SCHOLZ-KLINK, Aufgabe. Wille und Ziel der deutschen Frauen. In: **NS-FrauenWarte**, v.2, 1935. p. 33.

passion and game”, mantendo assim o povo “puro e limpo”²⁶. Assim, Rosten coloca o respeito às mulheres condicionado à sua função perante as políticas raciais do Reich. A mulher que poderia e deveria assegurar o futuro do Reich precisava necessariamente se dedicar à pureza racial de seu povo. É por isso também que vemos a contraposição desta mulher ideal à mulher que se “decorava como boneca”. Esta referência está presente como um aceno ao estereótipo da “mulher de Weimar”, representante máxima da modernidade e de sua degeneração. A mulher nazista deveria ser o antídoto a esta, em todas as formas possíveis.

Esse tipo de comparação ocorre de forma recorrente durante os primeiros anos da publicação da *NS-FrauenWarte*, os anos mais próximos à República de Weimar. A mulher de Weimar era uma culpada conveniente para os problemas que assolavam a Alemanha²⁷. Tanto que essa “culpa” não era dada a ela somente pelos nazistas, mas era relativamente comum entre grupos das mais variadas tendências políticas, como demonstra a pesquisa publicada por Erich Fromm em 1936 em *Arbeiter und Angestellte am Vorabend des Dritten Reiches* (Trabalhadores e funcionários nas vésperas do Terceiro Reich). Nesta pesquisa, os dados demonstram que havia entre os entrevistados uma grande preocupação com a “nova mulher” dos anos de Weimar, e o que ela significava para o povo alemão, colocando sobre os ombros desta mulher a responsabilidade sobre o futuro dos alemães e considerando a “modernidade” da “nova mulher de Weimar” como tendo um impacto negativo. Dentre os entrevistados para esta pesquisa, a maioria afirmou ter votado em partidos de esquerda (45% no SPD - Partido Social Democrata Alemão - e cerca de 25% no KPD - Partido Comunista Alemão),²⁸. Ao comentar esta pesquisa, Claudia Koonz afirma que os entrevistados

[V]iam a modernidade para mulheres como “imoral” ou “não-germânica”, ou “indigna das mulheres”. Estes socialistas convictos podem ter votado com a esquerda, mas suas morais ecoavam as ansiedades da direita. [...] Quando a sociedade se quebrou, eles procuraram a causa e encontraram-na não muito longe de casa na Nova Mulher que, no pensamento popular, ganhava seu próprio dinheiro e se recusava a se contentar com um papel de esposa.²⁹

²⁶ Em português: “confiáveis, não decoradas como bonecas” e “deve ser vista como merecedora de respeito/Não ser parte das paixões e jogos de raças estranhas”. A versão aqui presente, que não buscou preservar a estrutura poética da original, é uma tradução da versão em inglês, encontrada no *Mothers in Fatherland*, da historiadora Claudia Koonz (2013), p. 51. A versão integral em inglês é a seguinte: We want our women tried and true/Not as decorated toys./The German wife and mother too/Bears the riches no foreign woman enjoys./ The German woman is noble wine/She loves and enriches the earth./The German woman is bright sunshine/To home and hearth./Worthy of respect she must always be seen;/Not of strange races the passion and game/The Volk must remain pure and clean:/That is the Führer’s highest aim.

²⁷ RUPP, Leila J. Mother of the “Volk”: The Image of Women in Nazi Ideology. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v. 3, n. 2, p. 362-379, 1977.

²⁸ A pesquisa foi publicada, com comentários, em 1936, por Erich Fromm (FROMM, Erich. **Arbeiter und Angestellte am Vorabend des Dritten Reiches**. Paris, 1936). Tive contato com seus resultados através do **Mothers in the Fatherland**, de Claudia Koonz. Entre os entrevistados nesta pesquisa, somente cerca de 3% (17) declararam ter votado nos nazistas, e menos 2% (11) dos entrevistados disseram que não haviam votado.

²⁹ KOONZ, *Op. cit.*, 2007, p. 98.

As preocupações com a “nova mulher” de Weimar e, por extensão, com a modernidade, eram comuns entre grande parte dos alemães, e não estavam necessariamente ligadas aos nazistas. Estes fizeram uso das tensões e ansiedades gerais para oferecer sua alternativa: a mãe do *Volk*, a respeitável mulher ariana que ergueria em seus ombros a *Volksgemeinschaft*, que salvaria os valores germânicos da degradação, e o faria através da dedicação à função que a cabia por natureza, a maternidade³⁰.

A realidade das mulheres alemãs, porém, não era tão simples. Muitas das mulheres nazistas trabalhavam ou se ocupavam de outro modo de coisas ditas da “esfera masculina”, como o próprio fazer política. Cabia aos veículos de propaganda nazista, suas revistas, seus jornais, programas e discursos nos rádios, ao mesmo tempo apresentar a visão ideal da mulher nazista e circunvir a possibilidade de alienar aquelas que não se adequassem totalmente ao ideal proposto³¹.

A importância e universalidade da função materna para os nazistas funciona, neste sentido, para flexibilizar o discurso e permitir incluir mais mulheres. Como “mãe do *Volk*” e potencial mãe de filhos racialmente puros, todas as mulheres arianas detinham em si o poder de assegurar a continuidade do *Reich*³². Mais que isso, esta continuidade era impossível sem elas. Era das mulheres a função primordial para o projeto nazista de uma Alemanha ariana, de uma comunidade racial e cultural germânica que resgataria e refletiria o passado glorioso de seu povo.

Como coloca o ministro nazista Richard Darré, em seu “Sobre as leis de casamento e a procriação”, o objetivo dos nazistas era o crescimento da população “racialmente desejável”, visto que “o crescimento populacional por si só é inútil; o que realmente importa é a hereditariedade das crianças”³³. Desta forma, o discurso nazista afirma que o lugar da mulher em seus planos, longe de ser subalterno, é um lugar de edificação. A mulher ariana é a base de toda a *Volksgemeinschaft*, sem ela os objetivos do Reich jamais poderiam ser alcançados.

A importância do papel de mãe do povo aparece em discursos de Hitler e altos oficiais, como o próprio Goebbels que, ao discursar sobre a mulher alemã, afirmou que “o filho é um presente da mulher ariana para o Reich”³⁴. Mesmo antes da ascensão ao poder, o tópico já constava entre as prioridades nazistas, estando presente no *Mein Kampf*.

³⁰ KOONZ, *Op. cit.*, 2013.

³¹ KOONZ, *Op. cit.*, 2007.

³² CENTURY, Rachel. **Female administrators of the Third Reich**. Springer, 2017.

³³ DARRÉ, sd. In: LANE, Barbara Miller; RUPP, Leila J. (Ed.). **Nazi ideology before 1933: A documentation**. Manchester University Press, 1978.

³⁴ Ver o discurso “**Deutsches Frauentum**,” *Signale der neuen Zeit, 25 ausgewählte Reden von Dr. Joseph Goebbels in Zentralverlag des NSDAP*. Munique, 1934, p. 118-126.

Na primeira página da edição de dia das mães de 1936 da *NS-FrauenWarte* (figura 1) a imagem escolhida foi a da mulher, vestida como trabalhadora rural, sentada e cuidando de seu filho enquanto, a seu lado, seu marido trabalha. No fim da página, uma citação de Gertrud Scholtz-Klink afirma que a mãe é a primeira trabalhadora da nação. A implicação não sendo que a maternidade e o ato de criar seus filhos é trabalho, mas sim de que é este o trabalho, a função primordial, da mulher, e que este é um trabalho feito para a manutenção do Reich, para a perpetuação da *Volksgemeinschaft*.



Figura 1: Primeira página da edição de Dia das Mães da NS-FrauenWarte. 1936.

Mesmo a educação feminina era focada neste tópico, e são comuns na revista tanto anúncios quanto artigos sobre as escolas de femininas dedicadas à maternidade e ao casamento. Como afirma Carla Pinsky,

As mulheres que se encontravam do lado alemão da “barreira racial” eram vistas como “mães do volk” (povo alemão). No *Mein Kampf*, Adolf Hitler afirmara que a finalidade da educação feminina deveria ser, irrevogavelmente, formar a futura mãe. Mais tarde completaria dizendo que, da mesma maneira que o homem deve dar provas de heroísmo no campo de batalha, colocar filhos no mundo é a forma de a mulher batalhar pela sobrevivência de seu povo. [...]Mais do que valorizar a

maternidade, o que se fazia era ressaltar a obrigação das mulheres para com a “raça”; como dizia o slogan, elas deviam “dar um filho ao *Führer*”.³⁵

Este discurso ancorado na importância da maternidade não encontrava somente receptividade entre as mulheres nazistas. Muitas das mulheres que não se viam refletidas na modernidade da “nova mulher” de Weimar, sentindo-se isoladas ou fora de lugar, recebiam bem a mudança que viam como uma maior valorização de um papel que elas próprias já exerciam. Para muitas destas mulheres, a vitória estava na expansão de seu papel de mães e esposas, não numa conquista dos territórios vistos como “masculinos”³⁶.

Este não era o consenso entre todas as mulheres alemãs – nem mesmo as nazistas, como visto anteriormente – mas o objetivo de sua aparição tão frequente nos veículos de propaganda do Reich, e em específico na *NS-FrauenWarte* não era a de que tal ideal representasse de fato a realidade da totalidade das mulheres alemãs. A imagem da mãe do *Volk* era um norte para qual apontar, uma inspiração. Era a figura de como a mulher ariana deveria ser, mais do que de como era na realidade; esta figura era uma idealização e um modelo.

A centralidade da maternidade e seus contornos raciais motivaram uma série de medidas ligadas tanto à pró-natalidade quanto à anti-natalidade entre 1933 e 1939³⁷, ao mesmo tempo restringindo e implementando maiores punições para o aborto e legalizando esterilizações forçadas daqueles que não fossem vistos como desejáveis, ou seja, os não arianos. A mulher ariana era de quem o Reich dependia para a continuidade de seu povo, o que tornava sua sexualidade um assunto de interesse governamental. Para Gisela Bock, esta era a dimensão que tornava todas as mulheres alemãs em vítimas do Terceiro Reich³⁸. Estas mulheres se encontravam de fato em uma situação complexa e que exige nuances em sua interpretação. Eram ativas participantes e contribuintes do e para o crescimento, o estabelecimento e a consolidação do Reich, envolvendo-se nas mais diferentes funções, até mesmo papéis de relativa liderança e importância no Reich. Não seria correto identificá-las como seres sem agência ou sem consciência do que defendiam ou pelo que lutavam. Ainda assim, viam sua vida privada ser restringida e legislada de uma forma bastante particular, até mesmo aquelas que – por serem representantes do ideal ariano – se encontravam em uma

³⁵ PINKSY, Carla B. Nazismo, gênero e as crianças da “raça superior”. In: **Revista Estudos Feministas, Florianópolis**, 26(2), 2017, p. 2.

³⁶ Sobre isso, ver KOONZ, *Op. cit.*, 2007; RUPP, *Op. cit.*, 1977.

³⁷ ROSSY, Katherine M. Politicizing Pronatalism: Exploring the Nazi Ideology of Women through the Lens of Visual Propaganda, 1933-1939. **The Graduate History Review**, v. 3, n. 1, 2011.

³⁸ BOCK, Gisela. **Zwangsterilisation im Nationalsozialismus**: Studien zur Rassenpolitik und Frauenpolitik. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1986.

posição privilegiada com relação às que eram determinadas “indesejáveis”. Não eram simples vítimas ou algozes, mas, de certa forma, ambos, não facilmente encaixadas nesta dicotomia.

II: A MATERNIDADE É O SACRIFÍCIO

Muito da ideologia nazista repousa sobre a vontade de resgatar o pressuposto passado heroico germânico. A mulher nazista não escapa a esta lógica. Comparadas às grandes guerreiras do passado, cujo maior orgulho e honra, defendia o ministro Darré, estava no fato de serem a origem das novas gerações de seu clã, de darem continuidade à sua comunidade³⁹. Honra, nobreza e sacrifício são palavras que vêm frequentemente ao lado da palavra “mãe” nos discursos e materiais nazistas. Neste sentido, estavam incluídas não somente as mulheres que tinham filhos, mas todas as mulheres arianas. A mulher nazista era, por natureza de sua função, mãe de seu povo. Como explica Samantha Schuring,

As mulheres eram as cuidadoras da nação e era sua responsabilidade, ajudar os que estavam a sua volta. Todas as mulheres eram mães, de certa forma, mesmo que não tivessem filhos, pois o papel das mulheres era ajudar aqueles a seu redor. Era esperado que todas as mulheres tivessem filhos, mas, como Sholtz-Klink afirmou, a primeira coisa com a qual as mulheres deveriam se preocupar era o povo. Ideias como esta colocavam as mulheres no plano de fundo de suas próprias vidas. Diziam a elas constantemente para que cuidassem de outras pessoas e não havia qualquer palavra sobre se tornarem indivíduos e buscarem sua própria alegria. A elas era dito que colocassem as necessidades de seus maridos e filhos acima dos seus e que seriam egoístas se não o fizessem⁴⁰.

Como mães da nação, era esperado que às mulheres alemãs coubesse tudo o que envolvesse cuidar do *Volk*. Mas não só isso. Esperava-se que, como toda mãe dedicada, cada mulher ariana colocasse este propósito -- o de garantir a continuidade da *Volksgemeinschaft* -- acima de suas próprias necessidades enquanto indivíduos. De fato, a função materna era colocada como o grande sacrifício da mulher para a manutenção do Reich. Em artigo em edição da *NS-FrauenWarte* de 1940, Alwine Schreiber compara a função materna com o sacrifício do soldado no fronte e pergunta “o que seria de nossa fé na Alemanha eterna se nossas mães não estivessem dispostas a ter filhos e a se sacrificar?”. No fim, Schreiber afirma a importância do sacrifício das mulheres vir junto ao dos soldados⁴¹.

A própria ideia do que seria um bom alemão era baseada na disposição em se sacrificar pelo bem da *Volksgemeinschaft*. A ideologia nazista trazia uma visão de união entre o indivíduo e o coletivo do povo ariano. A identidade do bom nazista era em si a identidade

³⁹ DARRÉ. *Op. cit.*, sd.

⁴⁰ SCHURING, Samantha. **Mothers of the Nation: The Ambiguous Role of Women in the Third Reich**. 2014. Tese de Mestrado. p. 55.

⁴¹ SCHREIBER, Alwine. “Todesbereitschaft/Lebensbereitschaft”. **NS-FrauenWarte**, Edição de Junho de 1940. p. 451.

da comunidade racial nazista. Não havia como dividi-los; priorizar qualquer objetivo pessoal acima dos ideais do *Volk* não era só errado, era inconcebível. Como coloca a autora nazista Ruth Hildebrand, a vida da mulher “assim como a do homem, é de modo geral determinada pela lei irrevocável de que tudo deve estar subordinado ao benefício do povo.”⁴²

Não era, portanto, a maternidade especificamente a ser vista como um sacrifício por suas características próprias, mas sim o fato de que a mulher ariana era responsável por cuidar dos filhos do povo, se assegurar da manutenção deste, que tornava a função materna o sacrifício a que esta deveria se dedicar. De todos os alemães era esperado que sacrificassem suas necessidades individuais à serviço do povo. A maternidade era o sacrifício feminino na medida em que a esta era entendida como uma extensão natural da vida de toda mulher. Na edição de dia das mães de 1940 da *NS-Frauenwarte* Erna Linhart-Köpker afirma:

Todo Dia das Mães, pensamos em todas as mães, particularmente aquelas que estão sozinhas e naquelas mães cujos maridos e pais estão no front, mas também toda trabalhadora alemã que serve sua família ou faz outro tipo de trabalho para seu povo. Assim como mães individuais recebem pequenos presentes de seus maridos e filhos, todas as mães da Alemanha recebem, como agradecimento por seu incansável trabalho, o *Mütterdienst*⁴³, um trabalho da feminilidade alemã⁴⁴.

Ser mãe de fato – isto é, ter seus próprios filhos – não era nem mesmo o fator determinante quanto à categorização de “mãe da Alemanha” ou “mãe do *Volk*”. No Reich, a função materna é intrínseca à existência da mulher, e abrange os mais diversos atos, dependendo das necessidades da Alemanha. Podemos ver uma das expressões desta expansão da “esfera feminina” ao atentar para o papel das mulheres nos esforços de “germanização” dos chamados “alemães étnicos” nos territórios conquistados ao Leste⁴⁵.

“Germanização” é uma tarefa distintivamente feminina, por centrar-se na esfera doméstica como o lugar da cultura e costumes alemães. Mulheres do Reich deviam inculcar cultura e valores alemães adequados nos alemães étnicos, indo desde limpeza pessoal e ordem até pureza racial e a língua alemã correta e obediência à ideologia e ao regime nazistas. Era visto como imprescindível que alemães étnicos aprendessem e assimilassem a cultura alemã, tendo em vista seu futuro papel como comandantes do Leste⁴⁶.

A expansão do Reich e da *Volksgemeinschaft* dependia em muito do sucesso nos esforços em assimilar populações consideradas etnicamente alemãs nos territórios ocupados.

⁴² HILDEBRAND, 1934; apud. RUPP, *Op.cit.*, 1977, p. 375.

⁴³ Neste contexto, *Reichsmütterdienst* foi uma honraria dada às mães que participavam de serviços para outras mulheres e meninas no Reich por seu papel e seu sacrifício pelo povo.

⁴⁴ LINHART-KÖPKER, Erna. Am Muttertag 1940. **NS-Frauen Warte**, #22, 1940. p. 8.

⁴⁵ Parte do projeto de expansão territorial e étnica nazista, os alemães étnicos eram aqueles que, apesar de serem de outra nacionalidade por nascimento, eram considerados arianos e, portanto, pertencentes ao *Volksgemeinschaft*. Além deles, aqueles que não eram de descendência alemã, mas que se encaixavam no modelo racial ariano também podiam ser vistos como alemães étnicos, em algumas situações.

⁴⁶ JAMES, Madeline. **Domesticating the German East: Nazi Propaganda and Women's Roles in the “Germanization” of the Warthegau during World War II.** Tese de Doutorado. 2020, p. 8.

Neste sentido, o papel feminino foi de fundamental importância. O papel de uma mãe era não só o de parir, mas também o de educar os filhos quanto aos costumes e normas da sociedade nazista. Este esforço educacional era visto como uma das facetas da maternidade e se expandia naturalmente para todos os filhos do povo, incluindo os “alemães étnicos”. Ser professoras, portanto, não era visto como sair da esfera feminina do lar para o mercado de trabalho, mas sim como uma expansão do papel de educadora de seus filhos.



Figura 2: Artigo do volume de junho de 1941 da NS-FrauenWarte

Em 1941, a *NS-FrauenWarte* publica artigo de Hilde Zimmermann (figura 2), lidando com o esforço de “germanização” no Leste e as formas de preparação pela qual as mulheres passavam para poder fazer parte deste trabalho. Estas mulheres precisavam estudar em escolas especiais, fossem na Alemanha ou nas escolas estabelecidas nos territórios ocupados. Precisavam ser treinadas para ser, como Zimmermann coloca, “representantes da germanidade” no Leste⁴⁷. Nestas escolas, tinham aulas práticas como culinária, costura e primeiros socorros, e também elementos teóricos como a história, geografia e cultura destes

⁴⁷ ZIMMERMANN, Hilde. Bereit für den Einsatz im Ostraum. *NS-FrauenWarte*, 06/1941. p. 307.

novos territórios. Eram também necessárias as aulas sobre política alemã, e os elementos de sua cultura que deveriam ensinar aos “alemães étnicos” para que estes pudessem ser assimilados ao Reich, bem como os melhores métodos para fazê-lo⁴⁸.

Das mulheres arianas indo para o Leste era esperado que fossem verdadeiras embaixadoras do nazismo, que fossem, como o artigo coloca, “pioneiras” do novo mundo que o Reich pretendia criar. Elas sacrificavam o conforto e a segurança de seu lar na Alemanha pela possibilidade de auxiliar nos objetivos do Reich. Era um trabalho árduo, necessário e intrinsecamente político, mas que ainda assim, por virtude da flexibilidade do conceito nazista de maternidade, era um trabalho que poderia ser encaixado na “esfera feminina”. Era, portanto, mais uma das facetas do “sacrifício materno” que era esperado de todas as mulheres arianas.

III: A MATERNIDADE COMO TRABALHO

Mais entendido como um mal necessário nos primeiros anos do Terceiro Reich, o trabalho feminino ganhou novas definições conforme as necessidades do Reich mudaram, e em especial quando a guerra se prolonga. As mulheres trabalhadoras nunca haviam sido exatamente excluídas da sociedade nazista, sendo sempre necessárias ao seu funcionamento. Programas do governo tentavam, porém, minimizar o número de mulheres fora do lar dentro das possibilidades, tendo programas de incentivo monetário com determinações para que as mulheres, para que sua família se qualificasse, fossem donas de casa, por exemplo⁴⁹.

Quando a Segunda Guerra se torna mais longa do que o esperado, a forma como o trabalho feminino é tratado na propaganda nazista sofre alterações. Com a ideia de cada vez mais homens ao front, os postos de trabalho se esvaziavam, fazendo com que a presença das mulheres se torne necessária mesmo em tipos de trabalho tipicamente masculinos. Ilustrando esta mudança, a *NS-FrauenWarte* passa de uma postura de ênfase ao trabalho doméstico a uma crescente busca por incluir e, depois, exaltar as mulheres que trabalham também fora de casa. Podemos comparar, por exemplo, a edição de Dia das Mães da revista em 1936, em que a única menção ao trabalho se encontra em um artigo dedicado às escolas de maternidade⁵⁰, e a edição do Dia das Mães de 1940, cujo editorial lê:

Claro, o programa de treinamento também envolve cerca de 5 milhões de mães trabalhadoras. Os cursos de maternidade também são ensinados nas fábricas. As mulheres podem participar no fim do dia de trabalho e não precisam viajar por

⁴⁸ JAMES. *Op. cit.*

⁴⁹ KOONZ. *Op. cit.*, 2013.

⁵⁰ MACHADO, Y. T. A. “NOVA MULHER” ARIANA: O lugar das alemãs nas páginas da *NS-FrauenWarte*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020, p. 104.

grandes distâncias até a escola mais próxima. Elas são agradecidas por isso e entusiasmadas para aprender como conciliar o emprego e o lar, apesar das dificuldades.⁵¹

Podemos ver outra expressão desta mudança quando analisamos e comparamos os temas abordados pelos editoriais – que davam o tom das edições da revista – nos biênios 1935/36 e 1941/42.

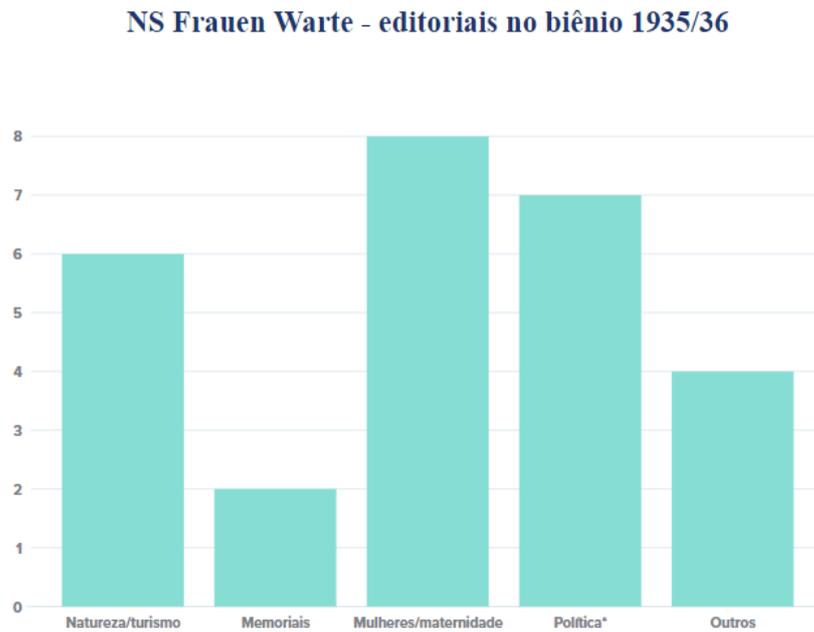
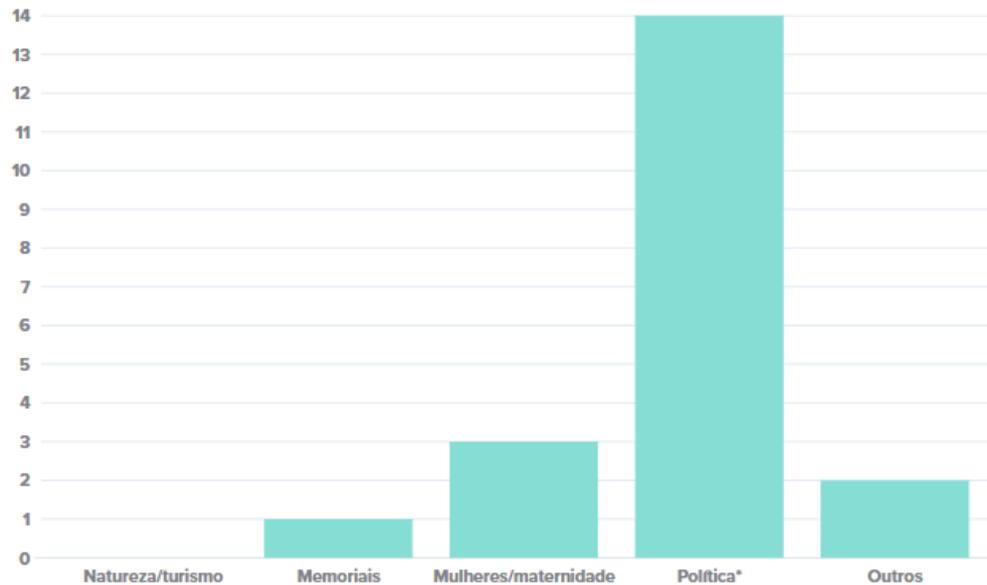


Figura 3: gráficos dos conteúdos dos editoriais da revista NS FrauenWarte nos biênios 1935/36

⁵¹ LINHARDT-KÖPKER. *Op. cit.*

NS Frauen Warte - editoriais no biênio 1941/42



Figuras 4: gráfico dos conteúdos dos editoriais da revista NS FrauenWarte no biênio 1941/42.

Enquanto o primeiro biênio observado, 1935/36, anos antes da Segunda Guerra Mundial, tem maior foco em turismo, maternidade e cultura, além de uma variação mais constante de temas, o advento da guerra muda o tom das revistas, o que pode ser visto na concentração de editoriais explicitamente políticos. Os revezes no front começam a acontecer e a guerra já custa caro mesmo ao front doméstico, não pode se escapar da política, ainda que esta venha em muitos casos ligada a outros tópicos já habituais das páginas da revista, como vemos com artigos como *Die Frau im lebensfeindlichen "Sowjetparadies"* [A mulher no hostil "paraíso soviético"] em edição de 1941, aliando a propaganda quanto ao inimigo externo a tópicos do papel da mulher e da família na sociedade.

Mesmo as escolas de maternidade tomam foco diferente: antes, eram locais em que as mulheres – mesmo as trabalhadoras – aprenderiam como se dedicar ao lar, a seus maridos e seus filhos. Com o agravar da guerra, apareciam como formas de instruir as mulheres sobre como conciliar seu trabalho fora de casa com sua dedicação às funções domésticas. Mas como o discurso nazista conciliava essa necessidade do trabalho feminino com sua anterior insistência no lar como o lugar da mulher?

Enquanto a visão popular da mulher *die deutsche Frau* [a mulher alemã], mãe do *Volk*, desenvolveu-se de certa maneira da interação com os pontos de vista mais extremos e em resposta às realidades externas das demandas econômicas, esta se manteve relativamente estável durante o período entre guerras, enquanto a política nazista com relação às mulheres mudou em resposta às mudanças na situação econômica, particularmente, no que diz respeito à depressão. Estas mudanças

encontraram justificativa no princípio nacional socialista do bem comum antes do bem individual, expressado no slogan “*Gemeinnutz vor Eigennutz*” [Bem comum antes/acima do interesse individual]. A concepção popular nazista da mulher devia sua flexibilidade a este princípio, já que a mulher ideal nazista devia seu trabalho ao Estado acima de tudo.⁵²

Como visto anteriormente, era esperado de todo alemão que sua dedicação ao Reich e à *Volksgemeinschaft* fosse superior a tudo, que estivesse acima de suas ambições pessoais e seus objetivos. Na realidade, o nazista ideal era aquele cujos objetivos eram os objetivos do Reich. A existência desta expectativa tornava a mudança das demandas mais fácil. Não havia, a princípio, nenhuma ruptura entre a imagem da mulher nazista dedicada aos filhos do *Volk* e a mulher que produzia armamentos nas fábricas. Afinal, se a função maior e mais fundamental da mulher nazista era garantir a continuidade da comunidade racial ariana e cuidar do futuro dos filhos do povo, ela deveria então fazer tudo o que fosse necessário para assegurar os objetivos nazistas. Sacrificaria tudo de si mesma, participando de atividades que, em outras condições, seriam da “esfera masculina”, mas que naquele momento precisavam da disponibilidade materna em dar-se de inteiro a seus filhos. O trabalho era um desdobramento de sua função de mãe.

Isto era possível, pois, como expõe Madeline James,

A família na Alemanha nazista era considerada a base da nação, a “célula mãe” do *Volk*, e a mãe, como guardiã da família, era, portanto, também a guardiã do *Volk*. Ao estender este dever feminino além do confinamento da família alemã individual, os nazistas na verdade concederam às mulheres maiores responsabilidades e oportunidade para terem mais atividades fora do lar do que historiadores e o público - que focaram sua atenção mais na imagem da mulher como mães na propaganda nazista - assumiram ser o caso por muito tempo.⁵³

A combinação da centralidade do papel da mulher como “mãe do *Volk*” e da ênfase na cultura nazista em que seu povo estivesse sempre disposto a sacrificar-se pelo bem maior da Alemanha abria um leque de possibilidades a estas mulheres e demonstrava uma inesperada flexibilidade nos valores nazistas. Esta flexibilidade tinha função prática, é claro, e traduzia-se em uma manobra discursiva que permitia que, ainda que o que fosse pedido a seu povo pudesse variar extremamente dependendo das condições políticas e econômicas da Alemanha, o Reich jamais tivesse que negar ou apagar posições anteriores. As mudanças eram admissíveis dentro da própria lógica destes valores, evitando uma ruptura.

Quando a guerra se agrava, o front doméstico também vê suas estruturas fragilizadas. Podemos ver nestes momentos o crescimento das comparações entre a função materna – que aparecia aí já como todo o trabalho que pudesse auxiliar os esforços de guerra alemães –m e a

⁵² RUPP. *Op. cit.*, 1977, p. 368.

⁵³ JAMES. *Op. cit.*, p. 29.

do soldado que aceitava arriscar sua vida no conflito armado. Esta ênfase não era somente útil no sentido prático; o de levar as mulheres aos postos de trabalho que careciam de trabalhadores, mas também para o psicológico. Na propaganda nazista, a mãe do *Volk* era a base de toda a sociedade e, enquanto esta acreditasse no futuro do Reich, haveria esperança de uma vitória, enquanto ela estivesse disposta a sacrificar-se pelo *Volk*, também o soldado no front o faria. Este sentimento, ecoado por diversas vezes nos artigos e imagens da *NS-FrauenWarte*, era o que permitia aos alemães passar pelos piores momentos e continuar lutando⁵⁴.

Nos anos 1940, e principalmente depois dos revezes militares em Moscou e Stalingrado, a frequência de artigos, capas, poemas, contos e editoriais envolvendo a guerra cresce. A figura do soviético como o grande inimigo externo passa a figurar na *NS-FrauenWarte*, ainda que a revista não tivesse até então o conteúdo muito vinculado aos esforços militares, sugerindo que a guerra tomava um lugar mais central na mente do alemão e da alemã médios. Os tons negativos – antes evitados pela revista – levam à imagem de uma Alemanha menos segura de sua vitória, menos certa de seu destino. Ainda assim, a guerra tende a aparecer mais frequentemente relacionada ao papel feminino e à necessidade dos esforços das mulheres para a guerra tanto no front doméstico quanto front de guerra.

⁵⁴ SCHURING, *Op.cit.*

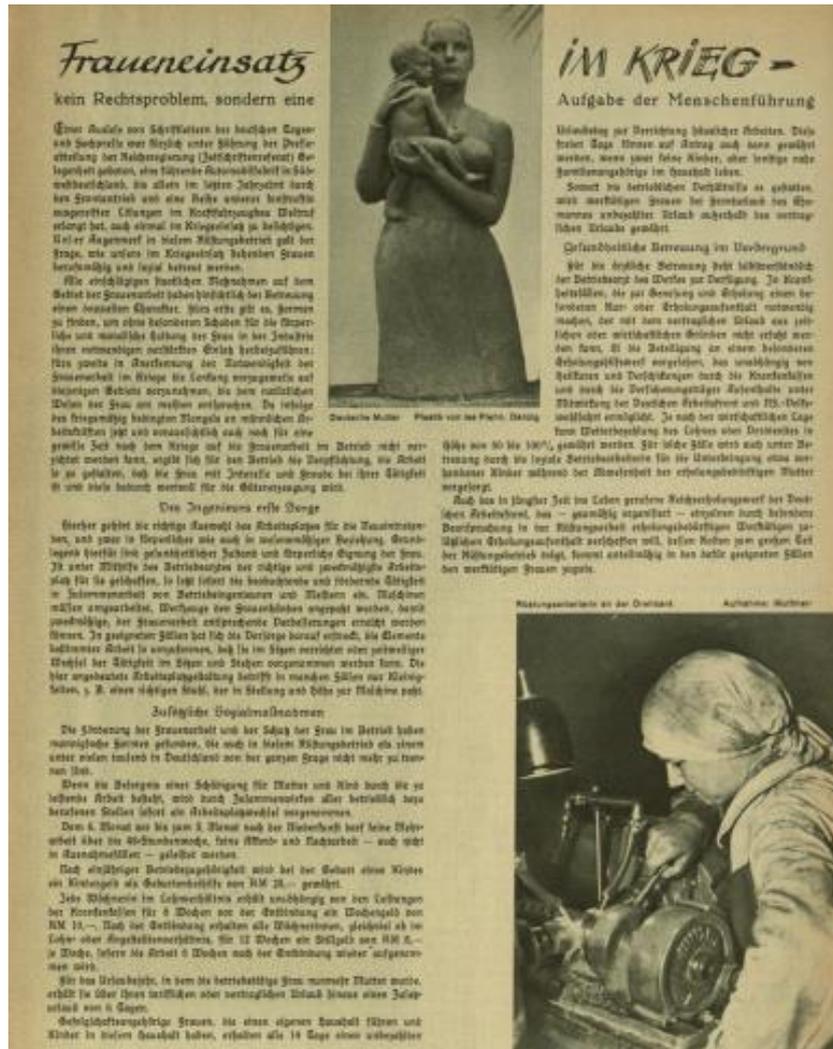


Figura 3: Artigo de edição de 1941 da *NS-FrauenWarte* dedicado ao papel da mulher durante a guerra.

Este artigo, datado de 1941, pretende falar da contribuição das mulheres na guerra. É interessante notar que as imagens que o ilustram são, em primeiro lugar, a da mãe com o filho em seus braços, olhando para o horizonte, a mãe alemã. Logo abaixo, vemos uma mulher debruçada sobre o maquinário, em função fabril. O artigo atenta para a importância do trabalho feminino para o esforço de guerra, ligando-o aos cuidados das mulheres por seus filhos. A mulher alemã nunca deixava de ser mãe, e a propaganda nazista sempre enfatizava este papel. As necessidades dos anos 1940 fazem com que este venha associado à produção de armamentos, à colheita de alimentos, a todo tipo de trabalho fabril e, em certos casos, até mesmo ao trabalho exercido por um grupo de mulheres no front de guerra.

A mulher alemã, a “mãe do Volk” era desafiada novamente. Agora, seu sacrifício a chamava à guerra e, por ser mãe de todo o seu povo, de toda a Alemanha, a mulher das páginas da *NS-FrauenWarte*, a mulher idealizada e imortalizada na propaganda nazista, estava

disposta a tudo para garantir que a *Volksgemeinschaft* sobreviveria, que a Alemanha seria vitoriosa.

CONCLUSÃO

O futuro nazista era um eco de um imaginado passado glorioso, de uma idealização e visão do passado germânico como heroico. Seu objetivo era claro: desfazer-se das amarradas da “degeneração” da modernidade e trazer um novo homem à luz do sol: o valoroso homem nazista. Ariano, forte, saudável e disposto a tudo para que a Alemanha fosse vitoriosa. A seu lado, a mãe de seus filhos, a base de sua família, a mulher racialmente “pura” e que daria luz a todo o povo. Este era o sonho nazista. Para que fosse alcançado, cada um dos cidadãos do Reich teria que estar disposto a sacrificar-se de corpo e alma. Este sacrifício pelos valores germânicos era a essência da comunidade racial que o Terceiro Reich pretendia formar, a *Volksgemeinschaft*.⁵⁵

Parte integrante destes esforços, a propaganda nazista é até hoje tema de pesquisa e vasto interesse público. Entre as publicações voltadas às mulheres nazistas, a *NS FrauenWarte* figura como a única revista feminina ligada ao NSDAP, o partido nazista, uma publicação que vendeu milhões de cópias em seu curto período de publicação – pouco mais de uma década –⁵⁶, mas que traz em suas páginas a visualização de um ideal feminino que estava na base da ideia nazista de sociedade.

Esta mulher, mãe do povo alemão, era acima de tudo uma mulher disposta a sacrificar-se pelo bem de seus filhos. Este era o núcleo de seu ser, a essência de sua função e seu papel no Reich. Todo o resto é mutável a depender das necessidades do *Volk*. Enquanto nos primeiros anos do regime nazista a *NS-FrauenWarte* se dedica quase que exclusivamente à dimensão doméstica, aos trabalhos de uma esposa, à culinária, moda e o cuidado com bebês e crianças, a conquista dos territórios trazem novos desafios; as “mães do *Volk*” veem a primeira expansão significativa de sua “esfera feminina”. Agora, o Reich precisava também que suas mulheres fossem cuidar dos filhos do povo que estavam longe, os “alemães étnicos”. A educação do povo alemão dentro dos valores nazistas sempre fora dever materno, e agora algumas destas mães precisavam sacrificar seus confortos no antigo Reich e se dispor a cuidar dos mais novos filhos do povo, integrando-os à *Volksgemeinschaft*.⁵⁷ Esta não foi, como

⁵⁵ KOONZ. *Op. cit.*, 2013.

⁵⁶ FÜHRER. *Op. cit.*, 2011.

⁵⁷ JAMES. *Op. cit.*

sabemos, a maior ou mais importante mudança que sofreria a definição do papel feminino no Terceiro Reich.

O posicionamento da maternidade como condição intrínseca da mulher, fazendo de toda a mulher nazista, desde seus primeiros momentos, mãe do *Volk*, significava poder atribuir a ela qualquer função necessária para proteger o futuro do povo. Afinal, o papel da mãe era o de fazer até mesmo o impossível para seus filhos e os filhos da mulher nazista eram todos os alemães. Esta determinação dava ao discurso nazista a possibilidade de expandir e retrair o que colocava como “lugar da mulher” ou a “esfera feminina”, conforme desejassem e conforme fosse necessário. Desde o cuidado com o lar e a responsabilidade de ter filhos biológicos até as articulações políticas para a ascensão do nazismo e, nos anos finais do Reich, o auxílio ao esforço de guerra⁵⁸.

As páginas da revista feminina *NS FrauenWarte* são palco das mudanças e das permanências na definição do papel da mulher ariana. Ela, que era a quem sabia fazer tudo o que deveria ser feito para garantir a vitória do Reich e a sobrevivência da *Volksgemeinschaft*, aquela cuja dedicação não conhecia limites. Até que ponto esta idealização poderia se traduzir em realidade? É difícil dizer com exatidão. Mas muitas das mulheres nazistas viam na Mãe do *Volk* a realização de seus maiores objetivos, o reflexo de sua vontade e disposição para auxiliar e cuidar de seu povo. Muitas destas mulheres reais foram do lar ao campo ou às fábricas, tiveram os filhos do Reich, para o *Führer* e para a *Volksgemeinschaft*, auxiliaram nos esforços de guerra tanto no front doméstico quanto no front de batalha. Todo este esforço era afinal o sacrifício esperado de todo o nazista, e em especial das mulheres-mães da Alemanha. Somente a vitória era concebível. A derrota era a aniquilação total⁵⁹.

A mulher da *NS-FrauenWarte*, em suas quase rupturas e em suas permanências, é demonstração da habilidade do discurso nazista em se moldar ao que é necessário. Múltiplas faces de uma mesma essência, a “mãe do *Volk*” estava sempre pronta a doar-se para o sucesso de seu povo, ela era a idealização que dava base à toda a sociedade a seu redor e encontrava na *NS-FrauenWarte* o veículo que a levaria ao maior número possível de mulheres a que serviria, por fim, de um modelo a se seguir, quer pudessem se enxergar nela ou não.

⁵⁸ CENTURY. *Op. cit.*

⁵⁹ Sobre isso, ver: KOONZ, *Op. cit.*; JAMES, *Op. cit.*

BIBLIOGRAFIA E FONTES

FONTES

- GÜNTHER, Erna. Wir Frauen im Kampf um Deutschlands Erneuerung. **NS-Frauen Warte**, #17, p. 507, 1934.
- HABMANN, Kurt. Kraft aus liebe und glauben. **NS-Frauen Warte**, #14, p. 185, 1943.
- HITLER, Adolf. Discurso à Nazionalsozialistische Frauenschaft. **Frankfurter Zeitung**, 9.ix.1934.
- LINHART-KÖPKER, Erna. Am Muttertag 1940. **NS-Frauen Warte**, #22, 1940.
- SCHREIBER, Alwine. Todesbereitschaft/Lebensbereitschaft. **NS-Frauen Warte**, #23, p.451, 1940.
- WÜRZBACH, Friedrich, Vom Geist der Rasse. **NS-FrauenWarte**, #20, p. 625, 1938.
- Edições da *NS-FrauenWarte*, anos 1935-1936, 1940-1942, 1944, disponíveis em <<https://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/frauenwarte>>.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Joana El-Jaick. O processo de modernização conservadora na Alemanha e suas repercussões sociais na transição para o século XX. **Cadernos de História**, p. 150-166, 2007.
- BOAK, Helen L. "Our Last Hope"; Women's Votes for Hitler: A Reappraisal. **German Studies Review**, v. 12, n. 2, p. 289-310, 1989.
- BOCK, Gisela. **Zwangssterilisation im Nationalsozialismus**: Studien zur Rassenpolitik und Frauenpolitik. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1986.
- BOCK, Gisela; JAMES, Susan (Ed.). **Beyond equality and difference**: citizenship, feminist politics and female subjectivity. Routledge, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Deifel, 1989.
- BROWNING, Christopher R. **Ordinary men**. New York: Harper Collins, 1993.
- BYTWERK, Randall L. **Grassroots propaganda in the Third Reich**: The Reich ring for National Socialist propaganda and public enlightenment. **German Studies Review**, p. 93-118, 2010.
- CAMPOS, Pedro Humberto Faria; LIMA, Rita De Cássia Pereira. Capital simbólico, representações sociais, grupos e o campo do reconhecimento. **Cadernos de Pesquisa**, v. 48, n. 167, p. 100-127, 2018.
- CHARTIER, Roger, *et al.* **A história cultural**. Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, v. 1, 1990.
- CENTURY, Rachel. **Female administrators of the Third Reich**. Springer, 2017.
- DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos In: PINSKY, Carla Bassanezi.(Org.). **Fontes históricas**, p. 111-153.
- ELIAS, Norbert. **Os alemães**: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Zahar, 1996.
- EVANS, Richard J. German Women and the Triumph of Hitler. In: **The Journal of Modern History**, v. 48, n. S1, p. 123-175, 1976.

- EVANS, Richard J. *Feminism and Female Emancipation in Germany 1870–1945: Sources, Methods, and Problems of Research*. **Central European History**, v. 9, n. 4, p. 323-351, 1976.
- FELICE, Renzo de. **Entrevista sobre Fascismo**. Rio de Janeiro, Civilização, 1976.
- FINNEY, Gail (Ed.). **Visual culture in twentieth-century Germany: text as spectacle**. Indiana University Press, 2006.
- FÜHRER, Karl Christian. **Mass media, culture and society in twentieth-century Germany**. Palgrave Macmillan. Estados Unidos, 2006.
- FÜHRER, Karl Christian. *Pleasure, Practicality and Propaganda: Popular Magazines in Nazi Germany, 1933–1939*. In: **Pleasure and Power in Nazi Germany**. Palgrave Macmillan, London, p. 132-153, 2011.
- GEARY, Dick. **European Labour Politics from 1900 to the Depression**. Macmillan International Higher Education, 1991.
- GELLATELY, Robert. **Apoiando Hitler: consentimento e coerção na Alemanha nazista**. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- HANCOCK, Eleanor. "Only the Real, the True, the Masculine Held Its Value": Ernst Röhm, Masculinity, and Male Homosexuality. **Journal of the History of Sexuality**. p. 616-641, 1998.
- JAMES, Madeline. **Domesticating the German East: Nazi Propaganda and Women's Roles in the "Germanization" of the Warthegau during World War II**. Tese de Doutorado. 2020.
- JOWETT, Garth S.; O'DONNELL, Victoria. **Propaganda & persuasion**. Sage publications, 2018.
- KERSHAW, Ian. **Hitler: um perfil do poder**. Zahar, 1993.
- KOONZ, Claudia. **Mothers in the fatherland: Women, the family and Nazi politics**. Routledge, 2013.
- KOONZ, Claudia. **The Nazi Conscience**. Cambridge, MA: Belknap Press, 2003.
- KRUML, Erin. **Into Silence: Feminism Under the Third Reich**. s.d.
- LANE, Barbara Miller; RUPP, Leila J. (Ed.). **Nazi ideology before 1933: A documentation**. Manchester University Press, 1978.
- LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- LOWER, Wendy. **As mulheres do nazismo**. Rocco, 2014.
- MARTINS, Ana Luiza. *Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras*. In: **História. São Paulo**, v. 22, p. 59-79, 2003.
- MAYER, Arno J. **A força da tradição**. Companhia das letras, 1987.
- MOCH, Jonathan. **Women in Nazi Propaganda**. Western Oregon University, 2011. Tese.
- PINKSY, Carla B. *Nazismo, gênero e as crianças da "raça superior"*. In: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 26(2), 2017.
- PROST, Antoine. *Social e cultural indissociavelmente*. In: **Para uma história cultural. Lisboa: Estampa**, p. 123-137, 1998.
- RALL, John W. **Nazi Charity: Giving, Belonging, and Morality in the Third Reich**. Dissertação de Doutorado, University of Tennessee, 2018.
- RABINBACH, Anson; GILMAN, Sander L. **The Third Reich Sourcebook**. University of California Press, 2013.

- REES, Laurence. **O Carisma de Adolf Hitler**: O homem que conduziu milhões ao abismo. Leya, 2013.
- REESE, Dagmar. **Growing up female in Nazi Germany**. University of Michigan Press, 2006.
- ROSSY, Katherine M. Politicizing Pronatalism: Exploring the Nazi Ideology of Women through the Lens of Visual Propaganda, 1933-1939. **The Graduate History Review**, v. 3, n. 1, 2011.
- RUPP, Leila J. Mother of the "Volk": The Image of Women in Nazi Ideology. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v. 3, n. 2, p. 362-379, 1977.
- SCHMID, Carol. The 'New Woman', gender roles and urban modernism in interwar Berlin and Shanghai. **Journal of International Women's Studies**, v. 15, n. 1, p. 1, 2014.
- SCHURING, Samantha. **Mothers of the Nation**: The Ambiguous Role of Women in the Third Reich. 2014. Tese de Mestrado.
- STAMBOLIS, Barbara; Katja Kosubek. Genauso Konsequent Sozialistisch Wie National Alte – Kämpferinnen der NSDAP vor 1933. In: **Historische Zeitschrift**, v. 308, n. 2, Göttingen, Wallstein, p. 543-544, 2019.
- STEIGMANN-GALL, Richard. Apostasy or religiosity? The cultural meanings of the Protestant vote for Hitler. **Social History**, v. 25, n. 3, p. 267-284, 2000.
- STEINWEIS, Alan. Weimar culture and the rise of National Socialism: The Kampfbund für deutsche Kultur. **Central European History**, v. 24, n. 4, p. 402-423, 1991.
- STEPHENSON, Jill. **Women in Nazi society**. Routledge, 2012.
- SWETT, Pamela E. **Selling under the Swastika**: Advertising and commercial culture in Nazi Germany. Stanford University Press, 2013.
- SYRÉ, Christine. *Zeitschrift "NS Frauen Warte"*. **LVR-Indusriemuseum**. <https://industriemuseum.lvr.de/de/sammlung/sammlung_entdecken/alltagsdinge/frauen_warte/Zeitschrift_NS_Frauen_Warte.html> Acesso em: 27/08/2021.
- TILLY, Louise A. Gênero, história das mulheres e história social. **Cadernos Pagu**, v. 3, p. 29-62, 1994.
- TOGMAN, Richard. **Nationalizing Sex**: Fertility, Fear and Power. Oxford University Press, Oxford, 2019.
- WALLE, Marianne. As berlinenses e seus combates. In: RICHARD, Lionel, (ed.). **Berlim, 1919-1933**: a encarnação extrema da modernidade. Zahar, 1993.
- YOUNG, Brigitte. **Triumph of the fatherland**: German unification and the marginalization of women. University of Michigan Press, 1999.